

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO EM TWEETS JORNALÍSTICOS: AS ÂNCORAS ENCAPSULADORAS DO TEXTO¹

Deivity Kássio Correia Cabral (UFRB)

(dkcabral@outlook.com)

Jaqueline Barreto Lé (UFRB)

(jaquelinele@uol.com.br)²

RESUMO: Este artigo visa investigar as anáforas indiretas, realizadas por meio de rótulos e nominalizações em domínio jornalístico. Procedeu-se à análise de 250 *tweets* dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*, tomando como base, além dos fatores co-textuais, o contexto sociocognitivo e conhecimentos enciclopédicos dos interactantes.

PALAVRAS-CHAVE: *tweets*; referenciação; ciberjornalismo.

ABSTRACT: This paper investigates the indirect anaphors that occur by nominalizations in journalistic domain. We have analyzed 250 *tweets* from the newspapers *Folha de São Paulo* and *O Globo*, based on the co-textual features, as the sociocognitive context and the encyclopedic knowledge of language users.

KEYWORDS: *tweets*; reference; cyberjournalism

¹ Este trabalho é resultado parcial do Projeto de Pesquisa " Gêneros textuais e ciberjornalismo: estudo de mecanismos de textualização em gêneros do jornal eletrônico", desenvolvido pelo grupo de pesquisa Hipertexto e Ciberjornalismo (HIPERJOR- UFRB/CFP), sob a orientação da profa. Dra. Jaqueline Barreto Lé.

² Deivity Cabral é bolsista de Iniciação Científica do CNPQ no PIBIC/UFRB; Jaqueline Barreto Lé é doutora em Linguística pela UFRJ, professora adjunta de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

0. Introdução

Ao perceber que todo texto é um encadeamento de palavras, e cada palavra com sua função e correlação umas com as outras pode desempenhar diversas categorias nocionais, tomamos como pressuposto que todos estes textos são elaborados a partir de contextos discursivos, os quais permitem fixar e produzir termos e categorias estratégicas. Deste modo, propomos desenvolver compreensões acerca de categorias linguísticas que referenciam e dão coesão ao texto: as anáforas e, mais especificamente, as anáforas indiretas. Diferentemente do processamento anafórico por correferência, as anáforas indiretas serão pontos nodais do texto, ativando termos precedentes a partir de seu conteúdo lexical, porém sem a obrigatoriedade de estar vinculada à noção de retomada correferencial. Possibilitam, assim, novas compreensões sobre o texto em construção e englobam, na sua funcionalidade, conhecimentos cognitivos e sócio cognitivos dos interactantes.

Podemos dizer, ainda, que as anáforas indiretas são paráfrases resumitivas capazes de ancorar na sua materialidade linguística, ou melhor, na sua função de sintagmas nominais, contextos sócio pragmáticos e cognitivos dos interlocutores, como conceitua Marcuschi:

São tipos de estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo e enciclopédicos (mais especificamente vinculados ao modelo de mundo textual presente no co (n) texto) e mais ligados a processos inferenciais gerais (MARCUSCHI, 2005a, p. 61).

Portanto, a partir de atividades discursivas, os sujeitos em suas rotineiras interações, constroem modelos mentais, estratégias discursivas, encapsuladas por categorias argumentativas no processamento textual. As Anáforas Indiretas, desse modo, acabam sendo um exemplo tenaz de tal estratégia por se tratar “de expressões definidas (e expressões

indefinidas e pronominais) que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [...] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes e a continuação da relação referencial global”. (MARCUSCHI, 2005a, p. 59). Assim, por estarem fundamentadas em conhecimentos extralinguísticos (conhecimentos de mundo), elas comportam duas funções essenciais em seu processo de referenciação: ativação e continuação do encadeamento semântico e sintático.

O que Marcuschi (2005a) nos diz é muito importante para o entendimento desse caso especial de processamento anafórico. Contrariamente às Anáforas Diretas (A.D), que retomam termos ou expressões antecedentes, as Anáforas Indiretas (AI) trarão e ativarão novos termos. Estabelecem, assim, vínculo referencial muito mais expansivo e extensionalista em se tratando da rede de conhecimentos necessários para a construção do(s) sentido(s). Isso significa que as AI serão entendidas, no decorrer do discurso, como estratégias discursivas associadas ao contexto discursivo - e não apenas ao sentido co-referencial - estando relacionadas à cognição dos interactantes envolvidos.

Assim sendo, serão destacados, a seguir, os subtipos de AI. Primeiramente, é imprescindível ter em mente que tais processamentos anafóricos não só exercem conhecimentos inovadores voltados ao léxico, mas, também, conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, segundo Mondada e Dubois (2003, p. 20) “Estas práticas (referenciação) não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, [...]”. Deste modo, Marcuschi (2005a, p.61) dando continuidade à classificação de Schwarz (2000), acrescenta novas modificações, concebendo as AI através de duas grandes divisões, com seis subtipos descritos a seguir:

As semanticamente fundadas:

1. *Baseadas em papéis temáticos dos verbos*: quando um verbo em seu ato temático é complementado pelo sentido de um referente subsequente.
2. *Baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais*: quando são relações meronímicas na qual os referentes exercem as funções de “parte-todo”.

As conceitualmente fundadas:

3. *Baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais*: são os tipos de anáforas indiretas que remetem a modelos mentais: cenários, premissas e causas, etc.
4. *Baseadas em inferências ancoradas no modelo de mundo textual*: são estratégias inferenciais mobilizadas no texto.
5. *Baseadas em elementos textuais ativadas por nominalizações*: se concentram na referenciação ancorada no verbo do qual mantém o étimo ou então ns nominalização de porções textuais inteiras, transformando uma ação verbal num sintagma nominal de mesmo sentido. Contudo, não se trata de Anáfora direta, pois não retomam nem referem pontualizadamente algum item específico.
6. *A.I esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes*. Como o nome já prenuncia, são pronomes que ativam novos referentes conforme o contexto discursivo de seu uso.

Entre as categorias e tipos específicos de A.I, apresentados por Marcuschi (2005a), iremos nos embasar na reclassificação dada por Lé (2012), a qual abrange todos esses tipos específicos de acontecimentos

mencionados por Marcuschi (2005a), porém condensando essas categorias em três grandes subtipos de Anáforas Indiretas. A autora reformula a classificação de Marcuschi (2005a) nos seguintes grupos: *Anáforas Associativas*, *Anáforas Encapsuladoras* e *Anáforas Pronominais*.

A segunda categoria dessa ordem - as anáforas encapsuladoras - será o fenômeno a ser aqui pesquisado, tendo-se por objetivo identificar e analisar as ocorrências dessas anáforas na sua correlação com os aspectos sociocognitivos da construção textual do(s) sentido(s). Foram investigados neste estudo 250 *tweets* do domínio jornalístico, especificamente nas páginas do Twitter oficial dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*.

1. As anáforas encapsuladoras

Consideramos, aqui, que as anáforas indiretas são recursos muito mais “lacunosos” que a outra especificidade de referência: as anáforas diretas. “Lacunosos” porque trazem, na sua decorrência, estratégias bem mais sofisticadas de compreensão, já que sua identificação se dá num contexto inferencial, no qual as relações sociocognitivas se processam. As Anáforas Indiretas são, portanto, manifestações explícitas de relações de coerência implícita na estrutura textual: “Ao receptor cabe ativar ou construir essas relações implícitas. [...]. As AI’s exigirão o processo de estabelecimento de uma relação conceitual, ou semântica ou textual-discursiva.” (MARCUSCHI, 2005a, p. 80-81).

Sabendo, desse modo, que as AI’s são manifestações explícitas de coerência implícita, isso nos leva a compreender que precisaremos, nas nossas estratégias cognitivas de construção do sentido textual, estar estabelecendo, tanto semanticamente como discursivamente, noções e concordâncias com as funcionalidades dessas categorias.

Segundo Lé (2012, p. 34), “sem a colaboração mútua dos interlocutores, as estratégias de argumentação, por exemplo, não seriam reforçadas pela apreensão dos objetos do discurso e, conseqüentemente, os propósitos comunicativos teriam de ser revistos” Assim, ao utilizarmos esses processos indiretos de referência, estamos forçosamente exercendo uma maior autonomia enquanto falantes de uma língua se comparados a simples formadores mecanizados de encadeamentos sintático-semânticos do sentido, para os quais qualquer compreensão inferencial ou sociocognitiva, além do texto, seja descartada. Afinal, é preciso comunicar: falando, escutando e colaborando na progressão textual-discursiva.

As AI's são recursos que nos possibilitam efetivar conhecimentos específicos em nosso ato interativo, trazendo na forma de categorias linguísticas: memórias, representações, deduções, interpretações e premissas de nosso conhecimento textualizado. Tomamos como pressuposto, neste estudo, o fato de que nem tudo estará explícito no texto, pois nem tudo pode ou deve ser dito, e, que, muitas vezes, nossas palavras ao serem ditas carregam, na sua materialidade, nossos conhecimentos de mundo, nossas crenças e ideologias. A seguir, serão abordadas especificamente as *Anáforas Encapsuladoras*, um dos subtipos de anáforas indiretas que, indo além do universo co-textual, se reportará, precisamente, aos nossos conhecimentos sociocognitivos e inferenciais como estratégia resumitiva em resposta a um certo fragmento discursivo.

De acordo com Lé (2012), ao fazermos referência a algum termo ou parte do discurso, consecutivamente, deveremos estar numa prática sociocomunicativa tanto defronte a um texto, quanto numa interlocução entre indivíduos que, utilizando-se de estratégias cognitivas dão sentido ao seu ato de dizer. Portanto, as anáforas indiretas, mais propriamente as encapsuladoras, são recursos que se enquadram neste perfil, isto é,

ao rotularmos, denominarmos determinado objeto do discurso, estaremos pondo em evidência uma interpretação ideológica, social, atrelada às nossas vidas: “Em outras palavras, a ação de ‘referir’ e construir um dado objeto do discurso é motivado, em última estância, pela imagem referencial que o falante pretende ativar discursivamente, envolvendo, sem dúvida, aspectos históricos-sociais e ideológicos” (Lé, 2012, p. 32).

A autora, ao falar das anáforas indiretas encapsuladoras, amplia seu sentido categórico, que além de servirem como “nominalizadores”, também, serão vistos como “rotuladores”; isto é, essas anáforas ativarão significados novos não somente a termos da oração, mas a porções textuais precedentes ou subsequente. Logo, essas categorias referenciais trarão um resumo de uma porção textual, envolvendo ou não a nominalização, assim como expõem expressões de recomendação, causa, premissa, comentários, etc. Desse modo, Lé (2012) abarca a pesquisa de Marcuschi (2005a) e acrescenta, trazendo em sua pesquisa sobre as anáforas, em especial, os encapsulamentos anafóricos, uma noção mais ampla de encapsulamentos anafóricos. Considera a rotulação de porções textuais, indo além dos partitivos termos sintáticos, como verbos, advérbios, etc.

Abaixo se situam dois exemplos de encapsulamentos anafóricos, o primeiro tem como fenômeno a *nominalização stricto sensu*, processo de referenciação que ativa um novo termo com base num verbo enunciado; e o segundo fenômeno é o *rótulo*, que encapsula uma porção textual a partir de itens lexicais que ancoram representações conceituais. Em ambos os casos, a “âncora” co-textual é disponibilizada a partir do link da notícia presente no *tweet*.

Tweet (a)



Folha de S.Paulo  @folha · 12 de abr

Governo estuda compensação para mudança na nova Previdência, diz Jucá
bit.ly/2oziewj

Tweet (b)



Por fim, é preciso assinalar que, sem a apreensão destes objetos do discurso, conforme lembram Mondada e Dubois (2003), a instabilidade que se processa num evento textual-discursivo não teria sua redução e seu processamento contínuo. É por meio dessas categorias referenciais que as estratégias e os objetivos dos interactantes encontram viabilidade. Têm, portanto, seu emprego inevitável na retomada e progressão dos sentidos em um evento comunicativo.

2. Metodologia e Análises dos *tweets* jornalísticos

Após termos noção do fenômeno a ser pesquisado, e de como ele se comporta em nossos eventos comunicativos, nesta seção serão expostos os procedimentos e resultados da pesquisa, a qual teve por objetivo identificar e analisar as ocorrências de *anáforas encapsuladoras* em *tweets* jornalísticos, primordialmente, nas páginas do Twitter oficial dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*.

Foram coletados 250 *tweets*, sendo 125 *tweets* do jornal *O globo* e 125 *tweets* do jornal *Folha de São Paulo*. A metodologia foi baseada numa análise qualitativa que, segundo Deslandes e Gomes (2013, p. 80), “[...] o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e, por último, a *interpretação*”. Assim, a decomposição que foi realizada, teve origem na perspectiva da tripartição dos tipos específicos de Anáforas Indiretas, tese de Lé (2012): *as anáforas associativas*,

encapsuladoras e pronominais. Aqui, nos concentraremos nas *anáforas encapsuladoras*, compreendendo suas ocorrências, sejam elas de “nominalização” ou “rótulo”.

Todas as ocorrências foram submetidas a uma verificação dos aspectos contextuais sociocognitivos, resumidos e referenciados a partir de “rótulos” e/ou “nominalizações”. No andamento e investigação da pesquisa foram identificadas 30 (trinta) ocorrências de anáforas encapsuladoras, sendo desta 15 (quinze) correspondentes ao jornal *Folha de São Paulo* e 15 (quinze) correspondentes ao jornal O Globo. Das trinta ocorrências, apenas duas foram referentes ao processo de nominalização (no Jornal *Folha de São Paulo*), sendo o restante referente ao processo de rotulação.

A seguir, abordaremos três grupos específicos de encapsulamento que foram registrados durante a análise: 1) rótulos por meio do título da manchete da notícia; 2) nominalizações; 3) rótulos de caráter especial, sem remissão a uma porção específica do universo co-textual.

- 1) O primeiro grupo, o dos rótulos, foi bastante regular nas pesquisas encontradas, referem-se às ocorrências de encapsulamento empregadas através de um título específico da seção de jornal, que categorizava todo o corpo textual subsequente ao rótulo:

Tweet (c)



Folha de S.Paulo @folha · 9 h

Mortes: Artista paraibano, foi dublador e chargista



Cristovam Tadeu Carneiro Vieira (1962-2017): Mo...

Era rindo de si mesmo que o garoto franzino Cristovam Tadeu respondia com maestria, na infância, aos colegas que faziam comentários sobre sua aparência. O bom h...

folha.uol.com.br



2



5



36

Tweet (d)



Jornal O Globo @JornalOGlobo · 12 de abr

~~Bacalhau~~: aprenda receitas de quatro restaurantes portugueses. [glo.bo /2p5RjbU](https://globo.com/2p5RjbU)



17



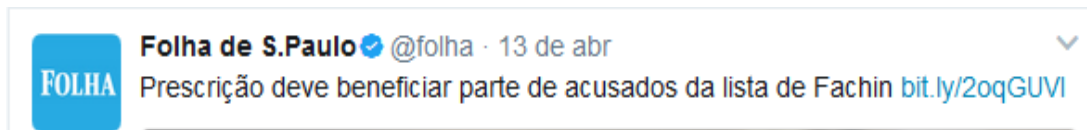
51

Nas ocorrências apresentadas em (c) e (d), é possível percebermos casos específicos de referência catafórica (quando a orientação referencial está sendo feita subsequentemente). Contudo, rotulando, encapsulando, o assunto a ser tratado no “rema” do enunciado; isto é, segundo Marcuschi (2005a, p. 60) “Al é uma espécie de *ação remática e temática simultaneamente*, uma vez que traz a informação nova e velha, produzindo uma *tematização remática*”.

É o que ocorre neste caso, no qual, percebemos o assunto a ser tratado no sintagma nominal separado antes dos “dois-pontos”, permitindo uma ideia daquilo que será argumentado, e englobando o todo da notícia, situando-a numa sessão temática específica do jornal de notícias.

- 2) Outro grupo encontrado em nossa análise refere-se às ocorrências por “nominalização”. É um outro modo de encapsulamento e “tematização remática”:

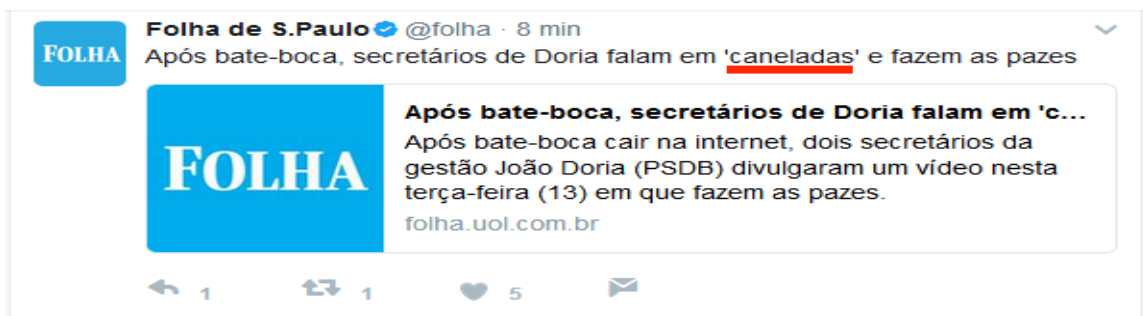
Tweet (e)



Na ocorrência do exemplo (e), vemos o sintagma nominal (S.N) “Prescrição”, que está rotulando uma porção textual precedente (apesar de não vermos toda a notícia), mas ao abrirmos o link presente no *tweet*, veremos que além do S.N (“Prescrição”) estar rotulando todo um corpo textual, ele também dá passagem à ação de um verbo, transferindo o ato verbal em nominal.

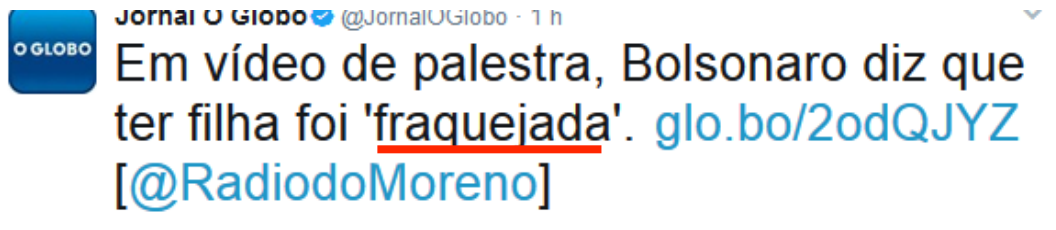
- 3) Foi possível, ainda, ao longo da análise, encontrarmos casos especiais de rotulação sendo empregados como uma estratégia cognitiva, englobando aspectos sociais, extralinguísticos, os quais, muitas vezes, não estavam endereçados à superfície textual do *tweet*:

Tweet (f)



Observa-se, no exemplo (f), que “caneladas” não é uma expressão comum no contexto em que ela foi utilizada. Portanto, o processo de rotulação, utilizado neste caso, é empregado por um tipo de estratégia negociada entre os interactantes envolvidos, uma espécie de mapeamento cognitivo. “Caneladas” é um tipo de metáfora futebolística, a qual está servindo neste evento como rótulo relativo a um desentendimento que houve entre dois secretários da gestão João Doria (PSDB).

Tweet (g)



Neste caso, ocorre o mesmo fenômeno anterior, em que o interactante da mensagem utiliza-se de conhecimentos ligados a princípios sociais, morais e para rotular informações de um contexto comunicativo anterior. Observa-se, no exemplo (g), que “fraquejada” não é um tipo de encapsulamento comum ao contexto em que ele se encontra, porém, por meio de um mapeamento cognitivo, não deixa de estar sendo utilizado para ancorar uma interpretação semântica a uma porção argumentativa antecedente.

3. Conclusão

O trabalho teve sua abrangência e importância, pois nos permitiu aprofundarmos no entendimento e investigação das estratégias de referenciação. Mais especificamente, as anáforas indiretas, compreendendo seu funcionamento na compactação e velocidade da informação. Assim, ao compreendermos o processamento textual-

discursivo, a partir de paráfrases resumitivas e categóricas (as anáforas encapsuladoras), tomando seus diversos sentidos implícitos ancorados como recursos coesivos nas estruturas linguísticas, perceberemos os laços de sentidos na concretização do nosso “ato ilocucionário” (Conte, 1996), sendo um recurso imprescindível na formação cognitiva e no encadeamento de nossas ideias ancoradas na prática de atividades verbais dentro de nossas interações.

À vista disso, os três tipos de fenômenos e situações analisadas de processos de referenciação puderam corroborar aquilo que já era evidente no início desta pesquisa: as anáforas indiretas além de ativar novas compreensões e itens lexicais de acordo ao contexto sociocognitivo dos interactantes, também ancoram expressões antecedentes e subsequentes no encadeamento enunciativo de nossa comunicação.

Relembrando o que Marcuschi (2005a) assinala, as anáforas – tanto a direta quanto a indireta - estabelecerão um *continuum anafórico*, na estruturação e encadeamento integrado em nosso processo de sociointeração. Nós, enquanto falantes, conseguiremos, por meio destas estratégias linguísticas, transpor nosso mundo externo para dentro de nossas relações textuais-discursivas, associando e criando novos termos para englobar aquilo que já é conhecido e foi proferido.

4. Referências

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CALVACANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CONTE, Elizabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULA, Alena. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

LÉ, Jaqueline Barreto. Tese (Doutorado). Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro-RJ, 2012.

KOCH, Ingedore V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 41. p. 75-89. Campinas-SP: IEL, 2001.

KOCH, Ingedore V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore V.; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* vol. 14. no. Especial. 1998. p. 169-190.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore V; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005a.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A., XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danielle. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* In: MINAYO, M. C. Souza (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ZAMPONI, Graziela. Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da linguagem. Campinas-SP, 2003.